

CEM DIAS NO PLENÁRIO

Congresso acelera ritmo e atropela retórica

Reformas avançam, com sucessivos recordes de quórum, e novos e velhos parlamentares promovem cenas de democracia explícita, sob a sedução do microfone

JOSE CASADO

O deputado José Fritsch, do PT de Santa Catarina, sentia-se atarantado no meio do plenário do Congresso. Entrou na fila do microfone e expôs toda a sua angústia.

— Senhor presidente, vivemos um época de muita atividade política na Câmara. Como deputado novo, me sinto dividido: qual a atividade mais importante de que devo participar hoje, por exemplo?

Como Fritsch, mais da metade dos 594 congressistas está no primeiro mandato. Entre surpresos e perplexos, contemplam amanhã a passagem dos primeiros 100 dias desta nova legislatura.

Congresso novo, ritmo acelerado. Registram-se sucessivos recordes de presença nos plenários da Câmara e do Senado.

Vota-se tudo, em pouco tempo. Nos últimos 60 dias, em plena reforma constitucional, o Legislativo decidiu sobre 108 matérias diferentes e aprovou 32 novas leis.

A reforma da Carta avança. Já se prevê para 15 de junho o fim da reforma de um capítulo inteiro — sobre a Ordem Econômica.

Gavetas foram esvaziadas. O mesmo governo que gastou seus primeiros 90 dias editando 175 medidas provisórias, agora está apelando aos senadores para que reduzam a velocidade de decisão sobre seus projetos. Teme já não ter tempo suficiente para negociar com os partidos.

Quem deseja falar na tribuna da Câmara por mais de cinco minutos tem de fazer inscrição, entrar na fila e esperar no mínimo 45 dias. Há apenas 60 chances por mês para 513 deputados — sem garantia de atenção da audiência.

Elogios e apartes seduzem novatos

O novato Gilvan Freire (PMDB-PB) persistiu e conseguiu. Mostrou até onde vai o poder de sedução de um microfone aberto:

— Senhor presidente, senhoras e senhores deputados, cumprio a expiação pública, ou seja, a penitência paga por um parlamentar ao ocupar a tribuna pela primeira vez no grande expediente.

Segundos depois estava criticando o governo. Como é hábito ali, pediram-lhe apartes e o cobriram de elogios. No primeiro, impressionou-se. No segundo, já admitia estar "seduzido". Do terceiro em diante se dizia "desvanecido".

Mas se o som da própria voz estimula, a platéia às vezes parece uma ameaça. Luiz Mainardi (PT-RS) tentou o truque da modéstia, ao criticar sentenças judiciais.

— Peço vênha, sou um neófito confesso. E, sem dúvida, de atrevimento digno de nota.

Ficou sem saber se naquele plenário alguém discordava. O primeiro mandato nunca se esquece. Tem magia, acha o deputado Augusto Viveiros (PFL-RN). Gastou tempo, energia e palavras tentando descrevê-la.

— A magia do desconhecido... O andar terá suas buscas, embora os rumos tenham seus traços e o horizonte em algum lugar...

Perda de gabinete desmancha ilusões

São 594 parlamentares, 31 mil funcionários fixos, incontáveis assessores, jornalistas, visitantes e lobistas trafegando por uma cidade de prédios e anexos, com quilômetros corredores, onde se gasta US\$ 1,5 bilhão por ano e só se fala de uma coisa — política.

Alguns acabam entrando em transe. Aconteceu com Ildemar Kussler (PSDB-RO), ao microfone:

— Não me era possível compreender o motivo pelo qual tantas leis eram tão mal elaboradas. Agora compreendo. Como jejuno do parlamento, deparei-me com indescritível embate por ocasião

do cinzelar das leis, semelhante ao pregão das bolsas de valores: inexistiu um carreamento convergente das potencialidades da energia mental dos congressistas!

As ilusões de Robério Araújo (PSDB-RR) foram desfeitas logo que chegou à vida real da Câmara.

— Ao entrar nesta casa tinha a ilusão de que todos os deputados eram iguais. Infelizmente, trataram de desmentir essa falácia, mostrando-me que alguns eram mais iguais que outros. Um veterano parlamentar em final de mandato prometeu-me seu gabinete. Dezenas, neste plenário, receberam ajuda semelhante de um veterano. Mas há uma diferença: eles continuam em seus gabinetes, eu fui despejado.

Há espaço para todos e tudo. Como para a pieguice do cearense Leônidas Cristino (PSD).

— Sou poeta nordestino, porém só canto a pobreza. Do meu mundo pequenino, só sei contar minhas mágoas, e as mágoas do meu irmão.

Cabe até mesmo o rito de uma pública expiação de culpa, por velhos preconceitos. Como fez a gaúcha Yeda Crusius (PSDB), ao estreitar na tribuna:

— Apesar de ser economista, considero a atuação parlamentar, hoje, crucial para o futuro do País.

Teoria liga capital externo a amantes

São cenas de democracia explícita. Ela, a democracia, "vai muito bem, obrigado", repete Pedro Simon (PMDB-RS), com veemência, sempre que fala no Senado.

— Deus nos livre, porque se ela não fosse bem iriam para a cadeia os mesmos de sempre, os filhos dos outros. E iriam para o poder os mesmos de sempre.

Nesse clima, as questões sociais estão passando ao primeiro plano do debate. E já há reação a idéias que sequer foram apresentadas como projetos. É o que acontece com a legalização do aborto, por exemplo.

O deputado Costa Ferreira (PP-MA) decidiu liberar sua fúria verborrágica contra eventuais autores da idéia. Perdeu a direção, a noção, e acabou cometendo uma das maiores gafes: bateu em mais da metade (53%) do eleitorado nacional — as mulheres:

— As mulheres não devem levar seus desvairados desejos ao ponto de fazer vidas para destruir. Que assumam os arroubos da sua libertinagem. Isto aqui não é Sodoma e Gomorra.

Ibrahim Abi-Ackel (PPR-MG) foi além. Mostrou capacidade de se hipnotizar com o próprio discurso, ao criticar um projeto que protegia com o anonimato as mulheres espancadas pelos maridos.

— É surpreendente que alguém possa estar preocupado com a esposa que apanhou e deseja ocultar do público a surra que tomou.

Já Welson Gasparian (PPR-SP)



mões Atayde, presidente da Cebracan, também forçou a imaginação, durante um debate na Câmara sobre a proteção constitucional ao capital privado nacional. Achou ser preciso mostrar que não pertence à espécie dos nacionalistas xenófobos, categoria que os xenófobos, em geral, costumam rejeitar no nacionalismo.

— Nada tenho contra a empresa estrangeira. Aliás, particularmente, aprecio muito os estrangeiros. Inclusive sou casado com uma estrangeira há 22 anos. Se fosse xenófobo, talvez já tivéssemos tido um caso passionai.

A platéia emudeceu.

O lugar de Marte na economia global

Na seqüência, Atayde passou o microfone para outro empresário, Luiz Forbes, presidente da Câmara de Comércio Brasileira-Americana, que tem sede em Nova York. Forbes começou uma viagem pelo conceito de globalização da economia:

— O que é o Exterior hoje? É Marte? É a Lua? É o Anel de Asteroídes?

O deputado Miro Teixeira (PDT-RJ) não agüentou:

— Não cabe dizer, aqui, que o mundo caminha nesta ou naquela direção. Até porque nós só sabemos mesmo é que a Terra gira em torno do Sol.

Todos tentam, de todas as formas, conscientes de que o plenário sempre reserva um lugar importante no Parlamento a um bom

debatedor. O confronto ideológico que existe por trás do debate sobre a reforma da Constituição é campo fértil e propício à revelação de talentos. Mas, também, funciona como armadilha fatal. Sobre tudo, quando o orador não tem certeza sobre o que está dizendo.

O empresário Dante Alário, presidente da Associação dos Laboratórios Nacionais, foi a uma audiência pública na Câmara. Começou a falar mal do governo e de suas propostas de reformas.

Keynes, Friedman e o neoliberalismo

Previra o Brasil do futuro igual ao México falido de hoje. Ai, topou com a habilidade do deputado Arthur Virgílio Neto (PSDB-AM), líder governista que fala com a calma típica de padre encomendando alma:

— Vossa Senhoria disse há pouco que é um ser humano emotivo. Não se emocione com uma revelação: minha ignorância em economia é comovente. Temo até que ela lhe provoque emoções fortes. Poderia, de maneira precisa, definir a este plenário o que é neoliberalismo e dar seis autores, três nacionais e três estrangeiros, com suas obras?

— Não respondo exatamente...

— Então, não haverá resposta.

— Vossa Excelência vai me desculpar, agora não vou conseguir definir neoliberalismo.

— Assim sendo, vou obrigá-lo a comprar um livro, porque fiquei sem a resposta. Vossa Senhoria falou de algo que não sabe.

Na armadilha do debate quem caiu foi outro líder governista, Inocêncio Oliveira (PFL-PE). O petista Milton Temer criticava o caráter neoliberal das propostas governamentais. Inocêncio encheu-se de brios:

— Este neoliberalismo que Vossa Excelência critica nasceu com Lord Keynes, e dizia que se o Estado não tivesse mais nenhuma interferência na economia, ela se autoregulava.

Temer não perdoou: — Deputado Inocêncio, lhe deram uma informação errada. Não foi Lord Keynes quem introduziu o neoliberalismo, mas Milton Friedman.

Lord Keynes introduziu o conceito de Estado participante (do desenvolvimento), que é exatamente o contrário, a negação disso.

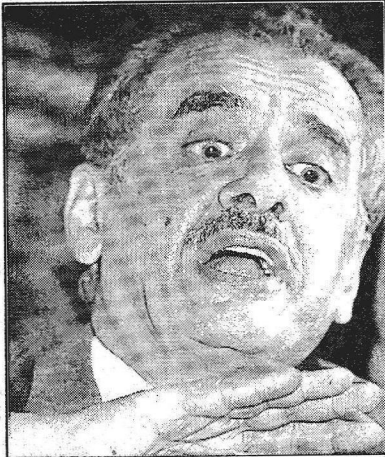
**NÓS SÓ
SABEMOS
MESMO É QUE
A TERRA
GIRA
EM TORNO
DO SOL**

Dida Sampaio/AE



Robério: "Alguns mais iguais"

Carlos Rodrigues/AE—30/3/90



Simon: "Democracia vai bem."

Maurilio Claretto/AE—26/2/93



Requião: "Desejos de consumo"



Ameaça de desconto estimula rapidez

Dois razões explicam o ritmo acelerado do novo Congresso. Uma é o peso dos descontos nos salários dos parlamentares. A outra é o fim do "acordão" entre líderes dos partidos que decidia previamente a pauta de votações.

O salário passou a ser vinculado à presença efetiva nas votações. Um deputado recebe R\$ 3 mil mensais fixos e outros R\$ 5 mil que são pagos em função da assiduidade. Em fevereiro, cada falta custou R\$ 1.160.

Extinto o "acordão", tudo chega rápido ao plenário agora. Com plena autonomia para definir o que entra na agenda, os presidentes da Câmara, Luís Eduardo Magalhães, e do Senado, José Sarney, ficaram mais poderosos. (J.C.)

resolveu denunciar uma conspiração contra a "família brasileira".

— Existem forças enormes enfraquecendo os laços familiares.

Preocupado com a força de tais "laços", Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB) dias atrás decidiu ativar no Código Civil, propondo a revogação do trecho da lei que permite aos pais deserdar as filhas que considerem "desonestas".

Argumentou, no texto do projeto: "É de se perguntar/ o que é desonestidade/ da filha que vive em casa?/ É perder a virgindade/ antes da data que casa?"

No extremo, o deputado Roberto Requião (PMDB-PR) resolveu fazer uma mistura de seus concei-

tos de pátria, família e nacionalismo. Passou a ver a emenda constitucional que abre a exploração de petróleo ao capital estrangeiro como objeto central de um conflito familiar. No complexo roteiro construído em sua cabeça, a mulher seria o Brasil, o marido seria o Estado, e o amante seria o capital externo. Eis o resultado da imaginação do deputado:

— Vejo um casal em que a mulher, com desejos de consumo que o marido não pode sustentar, compromete a estabilidade conjugal. A solução seria o marido arranjar para a mulher um amante que a sustentasse. E os dois, teúdos e manteúdos, viveriam bem. Mas o marido não seria pai dos seus filhos. E estes não saberiam quem era o seu pai.

O empresário Luiz Otávio Si-

**NÃO SE
EMOCIONE:
MINHA
IGNORÂNCIA
EM
ECONOMIA É
COMOVENTE**